

## **RELAÇÃO ENTRE A CORREÇÃO DO “ERRO” E A CONSTRUÇÃO DO AUTOCONCEITO DA CRIANÇA<sup>1</sup>**

### ***THE RELATIONSHIP BETWEEN THE CORRECTION OF “ERR” AND THE CONSTRUCTION OF THE CHILD’S SELF IMAGE***

**Fernanda Figueira Markezan<sup>2</sup>  
Margarete Sirena<sup>3</sup>**

#### **RESUMO**

Para reflexões sobre a compreensão do erro partiu-se de duas abordagens de ensino: tradicional e construtivista. A maneira como se encaminha o erro das crianças, na escola, decorrente dessas abordagens revela uma concepção, uma vez que a prática pedagógica não é neutra. O intuito de refletir sobre a importância de se ter claro de que a maneira com que se encaminha o erro das crianças na escola, influencia na construção da autonomia e no autoconceito, sentimentos esses que perpassam o processo de aprender. Verificou-se que o momento de correção é de reflexão sobre as hipóteses que são construídas pelo aluno e não para considerá-las como definitivamente certas ou erradas. Dessa forma, a escola contribui positiva ou negativamente na formação do autoconceito, dependendo do encaminhamento que o professor tiver com relação ao erro das crianças. Com isso cabe ao professor criar situações para que esse aluno vivencie momentos de sucesso para sentir-se uma pessoa capaz e autovalorizar-se.

**Palavras-chave:** compreensão do erro, autoconceito, abordagens de ensino.

#### **ABSTRACT**

To understand the err we have departed from two teaching approaches: the traditional and the constructivist. The way the err is dealt with in the school, which reveals the approach adopted, shows that the pedagogic practice is not neutral. The purpose of reflecting about the importance of knowing the way in which the err is treated in the schools, has influence in aspects such as the building of autonomy, of the self image, feelings that go beyond the learning process. It was observed that the moment of correction is one of reflection

<sup>1</sup> Trabalho Final de Graduação.

<sup>2</sup> Curso de Pedagogia – Habilitação Magistério das Matérias Pedagógicas do 2º Grau. UNIFRA.

<sup>3</sup> Orientador.

about the hypothesis built by the learner and should not be considered definitively wrong or right. In this way, the school contributes positive or negative for the construction of the student's self image, depending of the way err is treated by the teacher. With this in mind is up to the teacher to create situations so that this student experience moments of success to feel capable and increase his/her self image.

**Key words:** comprehension of err, self-concept, approaches of teaching.

## INTRODUÇÃO

O tema relativo à avaliação da produção da criança nos anos escolares pelos professores tem sido bastante difundido. Esta discussão se dá sobretudo em função do modelo tradicional de educação centrado na autoridade do professor em detrimento da autonomia do aluno estar sendo questionado. Em decorrência, disso, o modelo tradicional de corrigir as produções infantis têm gerado sentimentos de dependência à avaliação do outro, bem como não têm contribuído para a construção da autonomia da criança frente ao seu pensar e produzir.

Nesse sentido discutiu-se idéias acerca da importância de se ter clareza sobre a maneira que se encaminha o erro das crianças na escola uma vez que esta prática influencia a construção da autonomia, bem como a construção do sentimento de autoconfiança.

Esta discussão enfoca o modelo tradicional de educação onde o conhecimento possui caráter cumulativo e, para ser inteligente, é preciso acumular e armazenar informações. Conseqüentemente a educação é entendida como mera transmissão de conhecimentos e restrita à ação escolar, onde o sujeito não participa da elaboração e construção do mesmo, pois é considerado como um produto, já que os modelos a serem alcançados são preestabelecidos. Sendo assim, a aprendizagem caracteriza-se pela recepção passiva das informações e memorização do conhecimento pelo aluno.

Nesse modelo, o papel do professor é apenas de condutor da aprendizagem, dando ênfase às respostas corretas, não aceitando a possibilidade do erro como algo construtivo, mas sim, apenas uma resposta certa para cada problema. É freqüente a valorização exclusiva da resposta certa: o raciocínio que o educando usou de nada vale se errou a resposta, com isso negando todo o processo de construção do conhecimento.

Num segundo momento enfoca o ensino construtivista, diferente do modelo anterior. A educação é entendida como processo de construção, e nesse sentido, o sujeito é o principal responsável pela sua própria aprendiza-

gem, ou seja, para que ocorra a aquisição do conhecimento, é necessária a interação desse sujeito com o objeto do conhecimento.

Com isso o papel do professor não consiste em transmitir informações, mas construir o conhecimento juntamente com o aluno para que o próprio desenvolva sua autonomia, ajudando-o a descobrir e aprender, estimulando o raciocínio, o pensamento crítico e a reflexão, fazendo com que a aprendizagem ocorra de maneira interessante, agradável e prazerosa.

O interesse em pesquisar a maneira que se encaminha o erro das crianças na escola, uma vez que, isto influencia na construção da autonomia e também para a construção do autoconceito positivo, deve-se ao fato que esses sentimentos perpassam o processo de aprender. A preocupação sobretudo é de que este processo ocorra e não se instale aí um sintoma, um problema de aprendizagem decorrente da maneira como se encaminha o erro.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica objetivando a construção de um referencial teórico, baseado principalmente em GROSSI (1996), BONETI (1987), HOFFMAN (1993), que descrevem sobre a relação entre a maneira como é entendido o erro e a consequência disso na construção da autonomia e do autoconceito da criança.

De acordo com LAKATOS & MARCONI (1995), a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou descrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras.

Dentro desse entendimento, a pesquisa bibliográfica tem muita importância pois propicia um contato direto com aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, permitindo conhecer a realidade, formular novas hipóteses e/ou encontrar respostas para novas questões.

## **O ERRO VISTO PELAS ABORDAGENS DE ENSINO: TRADICIONAL E CONSTRUTIVISTA**

A concepção tradicional considera a educação como transmissão de conhecimentos e restrita à ação da escola. Os alunos são ensinados pelo professor que se considera guardião do saber e sua responsabilidade é transmitir os conteúdos a partir de aulas expositivas, visando à exatidão da reprodução dos conteúdos ensinados.

A escola nesta abordagem de ensino não procura conhecer, nem valorizar tudo aquilo que a criança já sabe, toda sua experiência de vida, o que ela aprendeu em casa, e na sua vivência social, restringe-se em sua maior parte a um processo de transmissão de conceitos em sala de aula.

Para HOFFMANN (1993), na visão tradicional da avaliação, a classificação do aluno se dá a partir do processo corretivo, ou seja, decorrente da contagem de acertos e erros em tarefas, atribui-se tradicionalmente médias finais aos alunos, classificando-os em aprovados ou reprovados em cada período letivo. Diz ainda que é preciso ultrapassar a sistemática tradicional de buscar os absolutamente certos e errados em relação às respostas do aluno.

Numa abordagem construtivista, o papel do professor é de mediador entre o educando e o objeto de conhecimento, lançando situações desafiadoras e provocativas estimulando a construção do conhecimento. Onde o erro é trabalhado como uma privilegiada oportunidade de interação entre educando e professor, ou entre os próprios educandos, de modo a superar suas hipóteses, em direção a outras mais complexas e abrangentes.

Nessa abordagem, segundo MATUI, (1995, p. 187).o papel do professor é encorajar o aluno através de atividades que lhe causem desequilíbrio ou o coloquem em ação. O aluno é que está construindo o conhecimento, mas o professor entra como mediador dessa construção, não só apresentando matéria, mas questionando, interrogando e fazendo o aluno pensar.

Enquanto o professor tradicional tem aversão para com os erros, como se fossem defeitos que deveriam ser eliminados, o professor, numa abordagem construtivista, considera os erros como hipóteses de construção do conhecimento. A posição em relação ao erro é o que mais diferencia o Construtivismo de outras correntes, pois todas tiveram uma atitude de condenação. Na abordagem construtivista, ao contrário, o erro é colocado numa posição de destaque, não para ser condenado, mas para ser utilizado como importante mediador de aprendizagem MATUI, (1995).

Segundo VASCONCELLOS (1995, p. 71), o erro faz parte da aprendizagem, na medida que expressa uma hipótese de construção do conhecimento, portanto um excelente material de análise para o educador, pois revela como o educando está pensando, possibilitando ajudá-lo a reorientar a construção do conhecimento.

Piaget observou que as crianças corajosas que cometem muitos erros aprendem mais rápido do que as crianças que não tentam chegar a compreensão de como dizer a mesma coisa diferentemente, não fazem erros, e assim não constróem uma nova estrutura sintática. Aquelas que tentam, fazem todos os tipos de erros, mas continuam tentando e acabam por aprender mais rápido (KAMII & DEVRIES, 1992, p. 56).

De acordo com MATUI (1995, p. 190) o que também tem acontecido, até por falta de compreensão e maior estudo, é que muitos professores, em nome do Construtivismo, permitem os erros, excluindo qualquer tentativa de correção, dizendo que, “na linha construtivista, é errado corrigir os erros”.

O erro, o equívoco, o engano do aluno, são índices reveladores de suas hipóteses cognitivas. Porém, isto não significa que ele não será corrigido, que ele será aceito definitiva e tranquilamente. Muito pelo contrário, o próprio aluno deverá se confrontar com seus erros, isto é, ele mesmo terá que reconhecê-los na pungência da constatação de sua inadequação (GROSSI, 1996, p. 22).

O professor, numa abordagem construtivista, não deve aceitar tudo o que o aluno fala ou faz, porque é interessante ou bonitinho. Considerar, valorizar, não significa observar e deixar como está, ou acreditar que um dia ela virá descobrir, característico de uma prática espontaneísta. Pelo contrário, o considerar exige do professor a reflexão teórica necessária para o planejamento de situações provocativas ao aluno que favoreçam a sua descoberta.

O papel do professor é de mediador do processo de aprendizagem, pois ele deve valorizar e desafiar o aluno a prosseguir no seu trabalho, questionando e encaminhando-o a novas descobertas, ao invés de censurar, pela simples constatação do erro. Os erros devem ser entendidos não como crime, mas como hipóteses de construção do conhecimento. Assim, como deixar o aluno falar e pensar, o professor construtivista deixa errar. Errar é um direito do aluno, mas compete ao professor fazer com que ele tome consciência dos erros cometidos.

Para HOFFMANN (1993), a intervenção pedagógica desafiadora não pode, ao mesmo tempo, ser uniforme em todas as situações de tarefas dos alunos. Os erros que as crianças apresentam podem ser de natureza diferentes. A autora ressalta que é de fundamental importância a reflexão teórica sobre cada resposta do aluno. Salienta ainda que nenhum extremo é válido: considerar que sempre devemos dizer a resposta certa para o aluno ou, no outro extremo, considerar que todo e qualquer erro que ele cometa seja construtivo e que ele poderá descobrir respostas.

Nesse sentido a tentativa é de inverter a postura tradicional onde o acerto é valorizado na escola e o erro punido em todas as circunstâncias e, ao mesmo tempo, ultrapassar o significado da correção/retificação para o de interpretação da lógica possível do aluno diante do conhecimento em questão.

A partir dos estudos realizados percebe-se que ainda hoje, o ensino tradicional persiste no sistema educativo, onde o educando não participa da elaboração do conhecimento. Os alunos são instruídos e ensinados pelo professor, onde o mesmo exerce papel de transmissor de conceitos de verdades prontas. Ignorando as diferenças individuais, dos educandos, não respeitando o nível de desenvolvimento de cada um. Está prática não contribui para a autonomia do aluno frente ao conhecimento não se procura saber como o

educando aprende, pois a reprodução é feita de forma automática, não incentivando o educando a pensar e nem a raciocinar.

Prevalece a ação corretiva tradicional que sugere às crianças que elaborem suas respostas como o professor espera que sejam elaboradas. As idéias e determinações do professor imperam sobre as dos educandos, dificultando a possibilidade de discussão, de contra-argumentação, de opinião, devido à relação professor-aluno acontecer de forma vertical, onde não há espaço para o diálogo, a troca de idéias, mas sim, o professor considera-se o centro do saber, não permitindo o questionamento por parte dos alunos. A solicitação de certo/errado revela a insegurança e a necessidade da palavra final do adulto diante de tudo o que o educando venha fazer, com isso não chega a uma resposta elaborada por ela, mas o resultado de muitas tentativas que faz para alcançar a resposta que agrada ao professor, mesmo sem entender. Muitos alunos, depois de várias tentativas em busca de experimentar suas hipóteses, desistem, como se percebe no depoimento a seguir: "Eu não quero mais pensar, porque cada vez que eu penso, eu erro. Eu preciso, é adivinhar como é que a professora quer que eu escreva" (GROSSI, 1996, p. 24).

Nesse sentido como fica a construção da autonomia e do autoconceito da criança?

Entende-se por autoconceito, tomando como base os estudos de MOSQUERA (1977, p. 75), sentimentos, atitudes, crenças e valores que cada indivíduo desenvolve, de acordo com sua própria vivência... é formado pela internalizações que o indivíduo realiza, a partir da visão que tem de si, dos sentimentos e das avaliações que as outras pessoas realizam sobre ele.

O autoconceito e a auto-estima<sup>1</sup> são comportamentos aprendidos que, surgem e se manifestam através das relações com os outros e com seu ambiente como um todo, desde os momentos iniciais da vida, fazendo com que o contexto social se torne responsável pela projeção de experiências vivenciadas com sucesso ou fracasso.

A construção do autoconceito é influenciada pelas pessoas com quem a criança convive, pais, professores, enfim pessoas que fazem parte do seu dia-a-dia, pois a criança, no decorrer de seu desenvolvimento vai aprendendo a confiar em suas próprias habilidades, na medida em que os que convivem com ela apóiam e incentivam essas habilidades. Com isso a maneira como interatuam criança e meio é que vai determinar o maior ou menor grau de confiança que ela adquire.

Segundo BONETI (1987, p. 58), a possibilidade do indivíduo atuar, concreta e significativamente, decorre, em parte do tipo de relação que seus pais estabelecem com ele. Quanto maior for a liberdade e a segurança que lhes proporcionem e mais verdadeiro for o respeito que tiverem pelas suas

dificuldades, maior será essa possibilidade. O maior ou menor grau de autoconfiança e a crença que o indivíduo tem em suas próprias capacidades, advém da qualidade das relações que ela estabelece com os outros. O valor que o indivíduo atribui a essas capacidades vai determinar o valor que atribui a si próprio. Quanto mais elevado for esse valor, mais positivo será seu autoconceito.

Desse modo, quanto mais uma criança acumula experiências positivas de capacitação, mais apta e mais capaz se sentirá para enfrentar novas atividades. Ao contrário, a criança que vivencia muitas experiências de fracasso, estará pouco estimulada para enfrentar novos desafios. Crianças submetidas a esse tipo de tratamento, onde são censuradas e reprimidas, quase sempre apresentam dificuldades de expressar sentimentos e idéias vivenciadas no seu dia-a-dia.

Portanto, a escola assim como a família pode contribuir, positiva ou negativamente, na construção de sentimentos de capacidade ou incapacidade. Com um autoconceito negativo, a criança tende a agir de acordo com sua auto-imagem negativa, o que aumenta a possibilidade de fracasso nas atividades escolares. Para Silva e Alencar, "há uma relação significativa entre autoconceito e rendimento escolar. Quanto mais positivo o autoconceito, mais elevado é o rendimento escolar" (SOUZA 1996, p. 38).

Segundo Coopersmith, os professores podem exercer influência significativa na formação do autoconceito da criança pelo tipo de ambiente de aprendizagem que estabelecem na sala de aula, como também por suas ações e atitudes pessoais em relação a estas crianças (BONETI 1987, p. 62).

De acordo com, BONETI (1987, p. 62), "a criança estando motivada, isto é, estimulada para aprendizagem, se empenhará com muito vigor e interesse nas tarefas que lhe forem propostas, com isto alcançará melhores resultados".

Nesse sentido, o conceito que a criança desenvolve de si própria é influenciado por pessoas significativas, como se percebe na idéia do autor. Uma delas é o professor que, principalmente nas séries iniciais, é visto como um modelo a ser seguido.

Uma vez que o conceito que a criança forma sobre sua capacidade se constrói gradativamente, de acordo com o sucesso que vivencia em suas atividades, o professor deve proporcionar condições de aprendizagem que incluam oportunidades de sucesso, fazendo com que os alunos participem do processo de construção do conhecimento, de maneira ativa e dinâmica. Com isso, a prática pedagógica, se constitui como ponto decisivo para determinar a motivação da criança pela aprendizagem.

Percebe-se, o expressivo papel do professor no sentido de encorajar e sustentar o pensamento da criança, mesmo quando as idéias são erradas. É

preciso respeitar o saber elaborado pelo aluno, e ainda desafiá-lo a evoluir, a encontrar novas e diferentes soluções para as tarefas apresentadas pelo professor. Assim contribuirá para a formação de um autoconceito positivo oportunizando situações de sucesso, de incentivo, para a criança sintá-se motivada e pronta para enfrentar desafios.

## CONCLUSÕES

O encaminhamento do erro na abordagem tradicional contribui para a formação de um autoconceito negativo, no sentido de que não aceita as hipóteses que a criança formula na construção de seu conhecimento. Já de outro lado, constata-se, que a abordagem construtivista por receber, aceitar e estimular as hipóteses da criança favorece a construção do autoconceito positivo, possibilitando-lhe assim criar e confiar em suas habilidades e potencialidades.

É preciso reconhecer, portanto, que a prática pedagógica não é neutra, pois educar influencia na personalidade do indivíduo, ora positiva, ora negativamente. Cabe ao professor criar situações para que este aluno vivencie momentos de sucesso sintá-se uma pessoa capaz e autovalorize-se. Uma dessas situações é o ato de corrigir as tarefas dos educandos. O professor não pode simplesmente considerar a capacidade de seu aluno por um acerto ou erro, se proceder dessa maneira estará apenas classificando-o num processo de avaliação seletivo e discriminatório. É preciso superar esta dimensão tradicional e conservadora, devemos valorizar cada resposta, cada manifestação dos alunos, como importantes momentos de construção do conhecimento, como hipóteses que vão sendo formuladas e reformuladas à medida em que o educador incentiva e estimula seu aluno na busca do conhecimento.

Se, ainda hoje, os erros são vistos por muitos educadores como sinal de incapacidade dos alunos e não como um importante mediador no processo de aprendizagem, esta é uma realidade que precisa ser transformada, pois partindo dessa visão de condenação dos erros, muitos professores contribuem para que os alunos não construam conhecimento.

Optar por uma prática construtivista exige reflexão e análise dos pressupostos teóricos que a embasam. Neste sentido observa-se que tem sido freqüente a busca de métodos ou receitas, imaginando que se muda a forma de ensinar como se troca de roupa. Rever uma forma de ensinar ou uma prática pedagógica e alterá-la, requer um estudo do que é e do que representa essa nova maneira, requer uma reflexão, não é simplesmente aplicar uma forma, um método. Muitas vezes as novas teorias são apenas incorporadas como modismos, como algo que vem para preencher um vazio metodológico.

No entanto, se de um lado constata-se essa carência de reflexão e estudo do que representa uma transformação de uma prática, é preciso enxergar também que, apesar das condições adversas em que se encontra a situação da escola, principalmente a pública, onde muitos professores estão desacreditados, devido à desvalorização do profissional, e a falta de recursos; de outro se encontram educadores que assumem o desafio de revisar as bases teóricas de suas práticas, e transformá-las a partir desse novo entendimento.

Educadores que valorizam as respostas erradas dos alunos, considerando-as ponto de partida para a continuidade da ação educativa. Educadores que respeitam e incentivam o educando a pensar à sua maneira que entendem que é importante valorizar as suas hipóteses, pois elas representam um passo a mais na trajetória do processo de aprendizagem. Sentindo-se seguro e confiante, o educando será capaz de lidar com os momentos de prazer e desprazer inerentes ao processo de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONETI, Rita Vieira de Figueiredo. 1987. A importância do sentimento de competência sobre a auto-imagem e a auto-estima da criança. **Contexto & Educação**. Ijuí, n. 05, p. 56-64, jan/mar.

GROSSI, Esther Pillar. 1996. Uma didática construtivista Pós-Piagetiana para muito além da alfabetização. **Revista do Geempa**, Porto alegre, 05, p. 20-35, mar.

HOFFMAN, Jussara. 1993. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Educação & Realidade.

KAMII, Constance; DEVRIES, Rheta. 1992. **Piaget para a educação pré-escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. 1995. **Metodologia do trabalho científico**. 4, ed. São Paulo: Atlas.

MATUI, Jiron. 1995. **Construtivismo: teoria construtivista sócio-histórico aplicada ao ensino**. São Paulo: Moderna.

MOSQUERA, Juan José Mouriño. 1977. **Ensino: uma tarefa de reflexão**. Porto Alegre: Sulina.

SOUZA, Evanira Maria de. 1996. **Problemas de Aprendizagem: crianças de 8 a 11 anos**. Bauru: EDUSC.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. 1995. **Avaliação concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Libertd.